



ENSINO REMOTO E A APRENDIZAGEM - ALGUMAS REFLEXÕES PÓS-PANDEMIA

LEARNING RECOMPOSITION: A CRITICAL REFLECTION ON REMOTE EDUCATION

Rosalina de Fatima Valadão Rodrigues Vellozo¹

Elisete Gomes Natário²

DOI: 10.5281/zenodo.10614358

Resumo

Este estudo é uma revisão bibliográfica que tem por objetivo apresentar a assembleia de classe como recurso facilitador do diálogo e da construção de práticas educativas para o processo de aprendizagens. Discute-se as condições da aprendizagem durante o período da pandemia causada pela Covid-19. Tal discussão engloba os resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (2021) e dos autores que tratam do tema – ensino remoto e queda na aprendizagem. Este estudo traz a assembleia de classe como um elemento que favorece as relações interpessoais e contribui para a participação dos estudantes de ensino fundamental nas mudanças necessárias para a construção de saberes, entendendo ser possível por meio do diálogo, docentes e discentes expressarem suas necessidades dentro da sala de aula e, assim, modificar práticas de ensino e de aprendizagem. O ensino remoto e presencial, a educação à distância e a formação docente para o uso da tecnologia na educação são questões discutidas neste estudo, sendo o acesso dos estudantes aos recursos tecnológicos descritos como de extrema importância para a efetivação dos saberes, haja vistas, o quanto estes aspectos, tornam relevantes as reflexões sobre ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino Remoto. Educação à Distância. Aprendizagem. Assembleia de Classe.

Abstract

This study is a bibliographical review that aims to present the class assembly as a resource that facilitates dialogue and the construction of educational practices for the learning process. The conditions for learning during the pandemic period caused by Covid-19 are discussed. This discussion encompasses the results of the Basic Education Development Index (2021) and the authors who deal with the topic – remote teaching and decline in learning. This study brings the class assembly as an element that favors interpersonal relationships and contributes to the participation of elementary school students in the changes necessary for the construction of knowledge, understanding that it is possible through dialogue for teachers and students to express their needs within of the classroom and, thus, modify teaching and learning practices. Remote and face-to-

¹Mestrado Profissional em Práticas Docentes no Ensino Fundamental; E-mail: rosalinvel@gmail.com; UNIMES - Universidade Metropolitana de Santos.

²Doutora em Educação (UNICAMP); E-mail: profelisetenatario@gmail.com; UNIMES - Universidade Metropolitana de Santos.



face teaching, distance education and teacher training for the use of technology in education are issues discussed in this study, with students' access to technological resources described as extremely important for the realization of knowledge, considering how these aspects make reflections on teaching and learning relevant.

Keywords: Remote Teaching. Distance Education. Learning. Class Assembly.

INTRODUÇÃO

As aulas presenciais, modalidade perpetuada há mais de um século na instituição formal de ensino, foi deixada de lado em março de 2020, devido à Pandemia do COVID- 19. Este período pandêmico, causado pelo vírus SARS-CoV-2 ou novo Coronavírus, passou a fazer parte da sociedade globalizada entre 2020 e 2021, após a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarar o alto risco de contaminação em escala mundial, momento em que a maioria dos países, entrou em isolamento social.

No Brasil, as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional foram declaradas pelo governo federal por meio da Portaria nº 188, de 03 de fevereiro de 2020, do Ministério da Saúde (Brasil, 2020). Tal emergência pública impactou todos os setores da sociedade, e a educação não ficou de fora. Em decorrência da situação global, o desafio era garantir os duzentos dias letivos e a aprendizagem em cada etapa do ensino.

De forma emergencial surgiram ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) no mundo todo, e o ensino brasileiro tentou adequar-se às novas modalidades. Estudantes e educadores, aqueles que tinham acesso à tecnologia, passaram a se ver por meio das telas interativas, com aulas virtuais síncronas, denominadas de aulas remotas. Para aqueles que não tinham acesso aos recursos tecnológicos, foi entregue material impresso, caso dos “kits com quatro apostilas: de língua portuguesa, de matemática, com orientações gerais e sobre a utilização do Centro de Mídias SP”, Centro de Mídias SP – CMSP (São Paulo, art. 2º - Resolução SEDUC 44, de 20-4-2020).

No entanto, a rede de ensino pública no Brasil carecia de equipamentos ligados à internet, a maioria dos estudantes brasileiros das escolas públicas não tinham acesso aos celulares ou computadores (TIC Domicílios, 2019). Da mesma forma, os educadores não estavam familiarizados com a tecnologia como recurso educativo, evidenciando as desigualdades sociais e econômicas no âmbito da sociedade educacional brasileira (Stevanim, 2020; Silva; Godoy, 2020).

O período pandêmico trouxe enormes prejuízos à aprendizagem de milhares de estudantes, aumentou a evasão escolar, comprometendo também o desenvolvimento



emocional dos estudantes (Resende e Rocha, 2022). Nesse contexto, se antes da pandemia as últimas edições do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB (Brasil, 2018) já apresentavam as dificuldades dos estudantes quanto à aprendizagem em escrita e matemática; com o ensino remoto ocorreu uma queda maior, tornando evidente a necessidade da implantação de políticas públicas voltadas à(re)composição da aprendizagem, principalmente para os anos iniciais do Ensino Fundamental. A queda na aprendizagem durante o ensino remoto ocorreu em toda faixa etária da educação básica, quando comparada com anos anteriores (IDEB, 2021), demonstrando a relevância de mobilizar estudantes e professores sobre a importância de dialogar sobre ensino e aprendizagem.

REFERENCIAL TEÓRICO

1 Impactos da Pandemia na Aprendizagem da Escrita e da Matemática

De acordo com os resultados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) de 2021, o número de crianças do 2º ano do Ensino Fundamental, anos iniciais, com dificuldades para ler e escrever passou de 15% para 34%, entre 2019 e 2021. Tais dados, além de ajudarem a compreender o impacto na aprendizagem dos saberes durante o período pandêmico, também ressaltam a importância do ensino presencial na vida dos estudantes.

Essas avaliações externas, aplicadas em larga escala para verificar o aprendizado das crianças da educação básica, revelaram as desigualdades de aprendizagem na educação para aqueles sem acesso aos recursos tecnológicos. Da mesma forma, explicitam a importância das intervenções pedagógicas do professor quando o aluno apresenta alguma dificuldade. Nesse sentido, o Sistema de Avaliação da Educação Básica, ao apresentar tais resultados, corrobora a reflexão de Oliveira (2003) que, em 2020, expressou:

Quando as escolas que atendem os alunos da educação básica voltarem a funcionar na forma presencial, a perda na aprendizagem, principalmente, dos alunos das escolas públicas e, principalmente, ainda, dos alunos em situação de maior vulnerabilidade, será sentida de forma significativa, por um bom espaço de tempo, pois a volta às aulas presenciais será gradativa e demandará uma reorganização no sistema de ensino, uma vez que nem as escolas, nem os professores estarão preparados para o processo de reabertura do espaço escolar (Oliveira, 2020, p.23).

A autora revela que a queda na aprendizagem das crianças já era esperada,



resultado demonstrado nas avaliações externas, reafirmando a necessidade de se investir em formação de professores que possam fazer intervenções voltadas aos saberes que não foram construídos na época do isolamento social. Outro ponto a ser destacado, quando o assunto é queda na aprendizagem durante o ensino remoto, trata-se da pesquisa, TIC Domicílios 2019, realizada um ano antes da pandemia, em que foi observado que as residências brasileiras tinham pouco acesso à internet: 44% para as classes C, e 14% nas D ou E. Já as classes A e B tinham acesso a diferentes tipos de tecnologia conectada à internet. Logo eram previsíveis as dificuldades dos professores em fazer intervenções junto às famílias mais vulneráveis. Oliveira (2020, p.286) ressalta:

As escolas particulares e seu público têm acesso às tecnologias educacionais utilizadas, assim como aos dispositivos necessários para o funcionamento, como tablets, celulares e computadores, bem como o acesso à internet. Com isso, aumentou a disparidade entre os estudantes da rede privada quando comparada à rede pública.

Os dados da pesquisa TIC Domicílios (2019) e de Oliveira (2020) evidenciam, respectivamente, o quanto a tecnologia estava presente nas camadas mais pobres da população brasileira antes da pandemia e materializa, durante o período pandêmico, as raízes históricas da desigualdade social na educação, o que se reflete na importância de vivenciar a cultura digital também nas escolas públicas, pois segundo Kenski (2018, p.139), a tecnologia "[...] integra perspectivas diversas vinculadas às inovações e aos avanços nos conhecimentos, e à incorporação deles, proporcionados pelo uso das tecnologias digitais [...]".

Diante do exposto, fica evidente o desamparo dos estudantes das escolas públicas antes do período pandêmico quanto ao acesso à tecnologia que os ajudaria a interagir melhor durante a suspensão das aulas presenciais, contribuindo para aumentar a queda na aprendizagem. O ensino remoto declarou, também, para toda a sociedade, a importância de utilizar a tecnologia como ferramenta de aprendizagem (Moran; Masetto; Behrens, 2001), assim como a relevância do ensino presencial.

1.1 Algumas considerações sobre ensino presencial e remoto, educação à distância e assembleia de classe

A Portaria nº 343, a qual “dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo coronavírus - COVID-19” (Brasil, 2020), foi implantada pelo Ministério da Educação (MEC), no dia 17 de março de 2020. Em um primeiro momento, esperava-se que as aulas retornariam



em breve, mas no mês seguinte, no dia 1º de abril de 2020, o governo lançou a Medida Provisória nº 934 (Brasil, 2020), estabelecendo “normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública”. Posteriormente, foram lançadas novas medidas de combate ao COVID-19 e, nesse sentido, durante a pandemia o educador passou a buscar recursos como pôde para dar continuidade às aulas. Esse novo modelo de ministrar o ensino foi interpretado por muitos como educação à distância. Planejar aulas online com poucos recursos tecnológicos, gravar vídeos, pesquisar links educativos e apresentar-se na tela são exemplos de uma rotina com a qual os docentes não estavam acostumados.

Nessa mesma perspectiva, o art. 32 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN, 9394 – em seu artigo 4º, assevera que: “O Ensino Fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais” (Brasil, 1996). Diante do exposto, o ensino remoto difere da educação à distância por ser uma emergência circunstancial causada pela pandemia.

Quanto à educação à distância, esta é, segundo o Decreto 5622 (Brasil, 2005), uma “[...] Modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação [...] diversos”. Logo, o ensino remoto decorre de uma situação de emergência na área da saúde, sendo a EaD uma modalidade de ensino. Para Rondini (2020),

O ensino remoto emergencial difere da modalidade de Educação a Distância (EAD), pois a EAD conta com recursos e uma equipe multiprofissional preparada para ofertar os conteúdos e atividades pedagógicas, por meio de diferentes mídias em plataformas on-line. Em contrapartida, para esses autores, o intuito do ensino remoto não é estruturar um ecossistema educacional robusto, mas ofertar acesso temporário aos conteúdos curriculares que seriam desenvolvidos presencialmente (p.3).

A educação à distância tem por característica a praticidade da participação em aulas a qualquer tempo, desde que se tenha um aparelho eletrônico conectado à internet. Já no ensino remoto, os estudantes puderam utilizar equipamentos eletrônicos conectados à internet, livros ou apostilas, para realizar as atividades. O ensino presencial tem características próprias, com horário de entrada e saída para atender educadores e estudantes, apresentando uma dinâmica escolar baseada em regras escolares com o objetivo de garantir a aprendizagem e a convivência dentro e fora da sala de aula, embora nem sempre executável quando se observam as dificuldades



relacionais no espaço escola. Estudos de Aquino (2002, p.43) revelam que as regras escolares podem ser implícitas ou explícitas e possibilitam “[...] gerenciar os conflitos escolares numa perspectiva dialógica e de respeito mútuo; desenvolver a tomada de consciência e a capacidade autônoma de escolhas; [...]”. Dessa forma, com o ensino remoto, novas regras foram concebidas, dentre elas, entregar as atividades escolares em datas previamente estabelecidas e assistir às aulas de forma síncrona. No ensino remoto, a reinvenção das regras, para dar conta dos conteúdos, previa o contrato das aulas *online*, compondo as proibições de mensagens políticas e preconceituosas e, principalmente, o respeito aos horários de acesso às aulas. Disso decorre, a ênfase na *netiqueta*, ética na internet, temendo pelo *cyberbullying*, comportamentos inadequados na tela e durante a realização das atividades escolares.

Para Piaget (1932/1994, p.23), “[...] toda Moral é um sistema de regras e a essência de toda a moralidade consiste no respeito que o indivíduo sente por tais regras [...]”. Nesse sentido, as regras escolares são parte de um contrato entre estudantes e professores, um contrato pedagógico e, independentemente do tipo de ensino, devem ser construídas pelos personagens para que a aprendizagem ocorra.

De acordo com Moran (2007, p.31): “[...] na educação, o mais importante não é utilizar grandes recursos, mas desenvolver atitudes comunicativas e afetividade favoráveis e algumas estratégias de negociação com os alunos”. No campo das relações interpessoais, sendo a sala de aula um ambiente multicultural, a assembleia de classe revela-se um recurso pedagógico de participação democrática, pois alunos e professores dialogam para legitimar as ações que possibilitam aprendizagem e, com isso, sancionam as regras escolares naquele espaço.

Para Alarcão (2001, p.23), “[...] O professor é um profissional da ação cuja atividade implica um conjunto de atos que envolvem seres humanos [...]” e o uso da assembleia de classe serve, na perspectiva da aprendizagem, de ponte para “atravessar um rio permeado por expectativas das pessoas envolvidas no processo de ensinar e aprender” (Vellozo; Natário, 2019, p.52).

No contexto do trabalho remoto, realizado pelo educador e educando por trás da tela do computador ou do celular, plataformas *online* ou livros, as regras presenciais foram adaptadas para o espaço “virtual” e, se no ensino presencial ocorre uma interação com experiências multissensoriais, em que as crianças tiram suas dúvidas em tempo real, com uma dinâmica relacional entre estudantes alicerçada na cultura, nos momentos de interação interpessoal e comunicativa, no ensino remoto; tais regras adaptaram-se ao recurso tecnológico utilizado e, possivelmente por isso, aqueles que não tiveram acesso



aos equipamentos apresentaram perdas pedagógicas mais acentuadas. Sobre o ensino remoto, Santana Filho relata que:

Na prática, fere a docência na figura do professor e da professora que, não dominando devidamente aparatos de tecnologia, são conduzidos a trabalhar mais horas improvisando apresentações de slides para plataformas virtuais abertas; a expor sua prática e suas atividades em um ambiente totalmente novo, suas fragilidades documentadas, suas potencialidades negadas e interdadas por decisões de gabinete (Santana Filho, 2020, p. 6)

O ensino remoto evidenciou as desigualdades entre os participantes do processo de ensinar e aprender, seja pela falta de recursos ou pelo despreparo na utilização dos recursos tecnológicos e, com isso, efetiva-se a importância de repensar o modelo de ensino em sala de aula, baseado, em sua maioria, na pouca participação do aluno e com raros momentos de interação com a tecnologia. “A falta de familiarização dos professores com as tecnologias é um dos fatores que dificulta a inserção desses artefatos culturais no cotidiano da escola” (Bonilla; Veloso, 2018, p.17). No que se refere à assembleia de classe, esta possibilita a construção do contrato pedagógico voltado para as relações interpessoais e combinados de convivência, de modo que as regras escolares possam ser construídas com a participação do estudante.

1.2 Formação do professor - um olhar sobre a utilização da tecnologia na educação

Dewey (1978, p.17) argumentava que a educação é “[...] o processo de reconstrução e reorganização da experiência, pelo qual lhe percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras”. Tendo como base a fala do autor, faz-se a seguinte reflexão: a formação docente ou continuada é desafiadora, quando se observa uma predileção por práticas educativas centrada nos conteúdos, em um fazer concebido com foco em informações transmitidas em sala de aula, e isso precisa mudar. A TIC Educação (2020), pesquisa realizada e disponível no Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, revelou as seguintes informações sobre os recursos mais utilizados durante o ensino remoto:

A maior parte dos gestores afirmou que a escola ofertou atividades e materiais impressos aos alunos (93%). Em patamar semelhante, 87% declararam que as escolas adotaram o uso de ao menos um tipo de tecnologia entre as estratégias de educação remota: nove a cada dez gestores disseram ter criado grupos em aplicativos e redes sociais para se comunicar com os alunos ou pais e responsáveis, 79% fizeram uso de aulas gravadas e disponibilizadas aos alunos, 65% utilizaram plataformas de videoconferência e 58% plataformas virtuais de aprendizagem (TIC Educação, 2020, p.8).



No geral, o acesso ao ensino remoto foi realizado por meio de material impresso, com os estudantes retirando apostilas ou livros nas escolas, datas pré-combinadas para entrega, além de redes sociais e aplicativos de celulares para atender os estudantes. Assim, a formação docente gera um debate profícuo em qualquer tempo, mas quando se considera o período pandêmico as reflexões decorrem do desafio que foi para a classe docente ofertar um ensino, apesar da pouca familiaridade com os recursos tecnológicos e a falta de uma formação com foco na incorporação da tecnologia na rotina escolar.

Compreendendo que o fazer docente, aliado à possibilidade de ter uma formação contínua, é parte de um processo reflexivo sistemático, contínuo e permanente, em que “[...] na introdução das TICs na escola só pode dar certo passando pelas mãos dos professores.” (Demo, 2008, p.1) e, desse modo, a proposta de formação docente para a utilização da tecnologia na educação baliza no ato de refletir sobre a própria prática, em que “o papel do professor – o papel principal – é ajudar o aluno a interpretar esses dados, a relacioná-los, a contextualizá-los” (Moran, 2000, p.29). De acordo com Freire,

No momento em que os indivíduos, atuando e refletindo, são capazes de perceber o condicionamento de sua percepção pela estrutura em que se encontram, sua percepção muda, embora isto não signifique, ainda, a mudança da estrutura. Mas a mudança da percepção da realidade, que antes era vista como algo imutável, significa para os indivíduos vê-la como realmente é: uma realidade histórico-cultural, humana, criada pelos homens e que pode ser transformada por eles (Freire, 2007, p.27).

A partir das ponderações do autor, uma questão que se coloca é a de que a aprendizagem não se faz com conteúdo, mas aliando os conhecimentos dos educandos com aqueles que se desejam alcançar. Nessa linha de reflexão, Lerner apresenta: “[...] as práticas sociais de leitura e escrita estão hoje penetradas pelas novas tecnologias, a escola não poderá cumprir o propósito enunciado sem oferecer oportunidades de exercer essas práticas tal como se desenvolvem fora dela [...]” (2012, p.24).

Em virtude do exposto, o agir do professor se dá no coletivo, na sua atuação como sujeito que aperfeiçoa suas práticas, considerando as próprias dificuldades em relação aos recursos tecnológicos, e também as dos estudantes e, nesse processo, a assembleia de classe possibilita que o diálogo sobre como utilizar tais ferramentas contribui para a aprendizagem.

Nesse sentido, Silva (2007, p.12) assevera que “[...] a centralidade conferida aos professores e à sua formação tem sido mais no sentido de garantir a expansão quantitativa dessa formação do que na valorização do seu pensar, do seu sentir e de seus valores como aspectos importantes para se compreender o seu fazer”. Ou seja, a queda na aprendizagem ocasionada pela pandemia deve fazer parte dos diálogos entre docente



e discente, pois é refletindo sobre ensinar e aprender que será possível reelaborar o fazer que há muito se espera na área da educação.

Para Alarcão (2011, p.47), “O professor não pode agir isoladamente na sua escola. É neste local, o seu local de trabalho, que ele, com os outros, seus colegas, constrói a profissionalidade docente”. Tais premissas norteiam o diálogo entre educandos e educadores, gestores e professores, juntos podem “[...] exercer uma análise crítica sobre a realidade problema” (Freire, 1983, p.198) e, assim, definirem os objetivos que desejam alcançar para mitigar os impactos da pandemia, por exemplo.

1.3 Assembleia de Classe - uma proposição para a aprendizagem

O ensino remoto, pensado para ser temporário, fez-se presente por quase dois anos, quando se considera o ano de 2021 como parte presencial e parte remota. Nessa linha, um dos desafios do ensino remoto foi superar a prática centrada em aulas presenciais, muitas vezes voltadas à exposição de conteúdo, e ainda ter que lidar com a falta de conhecimento sobre o uso da tecnologia para educação.

O período de isolamento social popularizou as Tecnologias de Informação e Comunicação (Silveira *et al.*, 2020) no âmbito educativo, mas dadas as dificuldades de acesso do estudante aos recursos para realizar as atividades propostas fora da sala de aula, ocorre a queda na aprendizagem.

Partindo do pressuposto de que: “[...] O modelo das assembleias é o da democracia participativa que tenta trazer para o espaço coletivo a reflexão sobre os fatos cotidianos, incentivando o protagonismo das pessoas e a coparticipação do grupo na busca de encaminhamentos para os temas abordados[...].” (Araújo, 2008, p.119), entende-se que o processo da aprendizagem deve expressar as necessidades dos educandos e não as exigências curriculares, assim o diálogo entre os participantes, educando e educador torna-se um recurso pedagógico.

A assembleia de classe tem, com isso, o papel de permitir que [...] as crianças diante do desafio diário de se relacionarem umas com as outras, possam [...] falar das dificuldades de aprendizagem, dizer que uma ou outra metodologia do professor é mais interessante ou desmotivadora [...]” (Vellozo; Natário, 2020, p.146).

Na perspectiva da aprendizagem de estudantes matriculados no Ensino Fundamental, a assembleia de classe tem sua proposição na superação das dificuldades relacionais e cognitivas que envolvem cada faixa etária. Compreende-se que a assembleia



de classe em qualquer etapa ou modalidade de ensino favorece a reflexão dos participantes, pois no diálogo o educando explicita suas ideias, pode reconhecer suas dificuldades, o educador poderá rever suas práticas e, juntos, serão capazes de construir conhecimentos. De acordo com Freire:

Para que o ato de ensinar se constitua como tal, é preciso que o ato de aprender seja precedido do, ou concomitante ao, ato de apreender o conteúdo ou o objeto cognoscível, que com o educando se torna produto também do conhecimento que foi ensinado (Freire, 1997, p.79).

Em se tratando da assembleia de classe na perspectiva da aprendizagem, o ato de ensinar ocorre horizontalmente, o diálogo possibilita uma relação de confiança e de afeto para que o educando possa falar de suas dúvidas. O diálogo, ainda, favorece aliar os conhecimentos da criança com aqueles que se deseja saber.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho caracteriza-se como um estudo exploratório, por meio de uma pesquisa bibliográfica, pois “[...] é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos” (Gil, 2008, p.50). A pesquisa bibliográfica utilizada decorreu a partir de publicações relacionadas especificamente ao tema referente a ensino remoto, aprendizagem, assembleia de classe e a pandemia. Para a elaboração deste artigo, optou-se por buscas em fontes como Scielo, Google Acadêmico e Livros. Foram considerados estudos de vários autores, dentre eles: Araujo (2008), Freire (1997), Moran (2007) e Alarcão (2011).

Durante as pesquisas, foi aplicado uso isolado ou combinado das seguintes palavras-chave: ensino remoto, aprendizagem, ensino fundamental, assembleia de classe e pandemia Covid-19. Os artigos encontrados durante as buscas foram selecionados conforme os critérios de inclusão: relação estreita com o tema e com o objetivo da pesquisa, relevância para o estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das leituras e análises das referências pesquisadas percebe-se que, na transição do ensino presencial para o remoto, o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) se fez presente na educação brasileira, algo pouco observado no



ensino presencial (2020). Os materiais impressos, apostilas e livros, e recursos tecnológicos mostraram-se relevantes na área da educação para favorecer o atendimento emergencial, e os docentes tiveram que aprender a se relacionar com o mundo midiático. Essa aproximação com a tecnologia deu-se como tentativa de atender às exigências do ensino emergencial e, para tanto, modificou-se o fazer pedagógico por meio de ferramentas tecnológicas, como algo técnico e necessário ao momento vivido. Logo, não decorre de “[...] um quefazer permanente. Permanentemente, na razão da inconclusão dos homens e do devenir da realidade” (Freire, 1983, p.83), mas de uma necessidade prática das escolas.

Há que se observar que a educação à distância exige “planejamento, execução e avaliação bem estruturadas” (Kramer, 1999, p.131) para atender aos estudantes em qualquer local. O ensino remoto, em situação emergencial, com vistas a atender às exigências de um momento até então desconhecido para a área da educação, foi confundido com o EaD, pois o estudante não estava em sala de aula de forma presencial. De todo modo, família e escola reorganizaram suas vidas para atender às demandas do “novo normal” e, sobrecarregados, os papéis de cada personagem foram ofuscados pela necessidade de se garantir os conteúdos mínimos para cada ano letivo e os duzentos dias letivos. Assim, novas regras escolares foram introduzidas para o ensino remoto, dentre elas a *netiqueta*.

Os autores estudados promovem a reflexão sobre como a falta de acesso aos recursos tecnológicos que os estudantes já vivenciavam (TIC Domicílios, 2019) contribuiu para a queda na aprendizagem (SAEB, 2021). Logo, a utilização de assembleias de classe é um dos recursos dos quais o educador pode se valer para identificar as “lacunas” no processo de ensino e aprendizagem. Compreende-se que as pautas, quando pensadas por todos, ajudam a engajar os estudantes nas ações pedagógicas inseridas no contexto da aula e na construção do contrato pedagógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto da pandemia ressaltou o desafio de ensinar e aprender para docentes e discentes e, ao mesmo tempo, evidenciou a importância do ensino presencial, ainda que este, antes da pandemia, também apresentasse desafios a serem superados. Trouxe para o foco a necessidade de se garantir um ambiente dialógico, após tanto tempo de isolamento



social. Isso leva a depreender que por um lado, no ensino remoto, os professores tiveram de se adaptar às novas regras de apresentação das aulas por meio da tecnologia, com a qual muitos não estavam familiarizados, seja devido a uma formação insuficiente em tecnologia aplicada como recurso de aprendizagem, seja pela resistência em utilizar outras estratégias que não aquelas já trabalhadas em sala de aula presencial. No retorno ao ensino presencial, o desafio referente ao processo de aprendizagem dos alunos que pouco tiveram participação em aulas remotas, está em como tornar a sala de aula presencial um espaço dialógico, com a criança participando ativamente do processo de aprender.

As demandas escolares são muitas, sendo a formação do professor voltada ao uso da tecnologia como recurso pedagógico uma delas. O estudo possibilita renovar as práticas educativas, ao se adquirir novos saberes e refletir sobre eles e, com isso, construir conhecimentos que oportunizem o planejamento docente.

Dessa forma, a assembleia de classe torna-se um recurso facilitador do diálogo em sala de aula para se conhecer as dificuldades de aprendizagem do estudante e a sua realidade social. Juntos, estudantes e professores, podem elaborar novas regras, sejam voltadas para convivência social no espaço escolar que contribuiu para a aprendizagem, sejam aquelas relacionadas aos saberes que se deseja construir, ou ambas.

Os reflexos da pandemia na aprendizagem podem perdurar por muitos anos, mas urge dar voz aos estudantes para entender o que eles pensam sobre o ensino que recebem e as formas que contribuiriam para reverter o atual declínio da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 26 ago. 2023.

BRASIL. MEC. **Todos Pela Educação**. Anuário Brasileiro da Educação Básica 2020. Moderna, 2021.

DEMO, P. **TICs e educação**, 2008. Disponível em: <http://www.pedrodemo.sites.uol.com.br> Acesso em: 28 maio 2023.

FERNANDES, A. H.; OLIVEIRA, F. R. de; COSTA, M. L. F. **As metodologias ativas diante do ensino remoto: histórico e considerações teóricas para os anos iniciais do ensino fundamental**. TICs & EaD em Foco, São Luís, v. 6, n. 2, p. 50–62, 2020. DOI: 10.18817/tics.v6i2.498. Disponível em: <https://www.uemanet.uema.br/revista/index.php/ticseadfoco/article/view/498> Acesso em: 10 jun. 2023.



FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. São Paulo. Paz e Terra, 2007.

REZENDE V; ROCHA, E. **A Pandemia da Covid-19 na vida de crianças e adolescentes no Brasil**: efeitos secundários e o financiamento de políticas públicas. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA 2022. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11537/25/BPS_29_nps1_pandemia.pdf Acesso em: 28 ago. 2023.

KENSKI, V. **Educação e tecnologias**. O novo ritmo da informação. Campinas: Papyrus Editora, 2013.

KENSKI, V. Cultura Digital. [Verbetes]. In: MILL, D. (Org.). **Dicionário Crítico de Educação e Tecnologias e de Educação a Distância**. Campinas: Papyrus, 2018. p. 139-144. Disponível em: https://www.academia.edu/43844286/Verbetes_CULTURADIGITAL Acesso em: 10 maio 2023.

JOYE, C. R.; MOREIRA, M. M.; ROCHA, S. S. D. **Educação a Distância ou Atividade Educacional Remota Emergencial**: em busca do elo perdido da educação escolar em tempos de COVID-19. Research, Society and Development, v. 9, n. 7, p. 1-29, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341828716_Educacao_a_Distancia_ou_Atividade_Educacional_Remota_Emergencial_em_busca_do_elo_perdido_da_educacao_escolar_em_tempos_de_COVID-19. Acesso em: 20 maio 2023.

MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**, Campinas: Papyrus, 2000 Disponível em: https://www.academia.edu/10222269/Moran_Masetto_e_Behrens_NOVAS_TECNOLOGIAS_E_MEDIA%3%A9O_PEDAGOGICA Acesso em: 30 maio 2023.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos**: Novos desafios e como chegar lá. 5.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/viewFile/121/108> Acesso em: 1 maio 2023.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papyrus, 2001. Disponível em: https://www.academia.edu/8165648/1_MORAN_Jos%3%A9_Manuel_MASETTO_Marcos_T_BEHRENS Acesso em: 30 maio 2023.

OLIVEIRA, A. B. Educação em tempos de pandemia: o uso da tecnologia como recurso educacional. **Pedagogia em Ação**. Belo Horizonte, v.13, n. 1 (1 sem. 2020). Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiaacao>. Acesso em: 23 jul. 2023.

RONDINI, C. A.; PEDRO, K. M.; DUARTE, C. dos S. Pandemia do covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. **Interfaces Científicas - Educação**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 41–57, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9085> Acesso em: 10 maio 2023.



SANTANA F. M. M. **Educação geográfica, docência e o contexto da pandemia Covid19.** Revista Tamoios, v. 16, n. 1, p. 3-15, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Manoel-Santana-Filho/publication/341362621_EDUCACAO_GEOGRAFICA_DOCENCIA_E_O_CONTEXTO_DA_PANDEMIA_COVID-19/links/645519fc97449a0e1a7daad6/EDUCACAO-GEOGRAFICA-DOCENCIA-E-O-CONTEXTO-DA-PANDEMIA-COVID-19.pdf?_sg%5B0%5D=started_experiment_milestone&origin=journalDetail&_rtd=e30%3D. Acesso em: 03 jun. 2023.

SILVEIRA, S. R.; BERTOLINI, C.; PARREIRA, F. J.; CUNHA, G. B.; BIGOLIN, N. M. **O Papel dos licenciados em computação no apoio ao ensino remoto em tempos de isolamento social devido à pandemia da COVID-19.** Série Educar - Volume 40 - Prática Docente. Editora Poisson, 2020.

VASCONCELOS, C. A. **Interfaces interativas na Educação à Distância:** estudo sobre cursos de Geografia. Recife: UFPE, 2017.

VELLOZO, R. F. V. R.; NATÁRIO, E. G. A Sala de aula como espaço dialógico na construção de combinados entre educandos e educadores. In: II CONGRESSO INTERNACIONAL MOVIMENTOS DOCENTES (CMD, 2022), 14 e 15 de outubro de 2022. São Paulo. **Anais [...]**. Disponível em: <https://ebook.vveditora.com/anaiscmd2022> vol.3. p. 92. Acesso em: 2 jul. 2023.